

humanitas

Vol. XI-XII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Vols. 8 e 9
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIX-LX



morte de Valério Asiático (47 d. Cr.); não se prova, contudo, a possibilidade da composição durante os anos 49-54 d. Cr. *De tranquillitate animi*: posteriormente a *De constantia sapientis*. *De otio*: data desconhecida. *De providentia*; com certeza após a morte do imperador Tibério (37 d. Cr.); provavelmente, ou no exílio (de preferência nos inícios) ou durante o afastamento da vida pública (mais verosímil após a cedência a Nero da fortuna: 64 d. Cr.). *De vita beata*: entre o advento de Nero (54 d. Cr.) e a morte de Burro (62 d. Cr.). *De brevitae vitae*: provavelmente depois do afastamento da vida pública (62 d. Cr.).

No fim da obra, o Autor apresenta, num quadro, estas conclusões quanto à cronologia dos «diálogos» senequianos, confrontando-as, relativamente a cada um destes últimos, com as opiniões de Lípsio, Lehmann, Jonas, Martens, Gercke, Waltz, Münscher, Albertini, Köstermann, Herrmann (Chron.), Pohlenz, Marchesi e Lana. Dentro da sua norma de evitar generalizações, preferiu abster-se de qualquer tentativa de reconstituir o itinerário mental de Séneca através dos «Diálogos».

Cronologia dei «Dialoghi» di Seneca é um contributo positivo para o enquadramento dos «diálogos» senequianos dentro da sua época. E tem, além disso, o mérito de poder apresentar-se como exemplo não só de acribia crítica mas também de uma investigação conduzida segundo rigoroso método.

CUSTÓDIO LOPES DOS SANTOS

HARALD HAGENDAHL, Latin Fathers and the Classics. A Study on the Apologists, Jerome and Other Christian Writers. «*Studia Graeca et Latina Gothoburgensia*», VI. Göteborg, 1958, 424 pp.

Quando o cristianismo surgiu no mundo de cultura greco-romana, pôs-se concomitantemente o problema das relações entre a mentalidade de que a nova religião era portadora e o sistema de ideias e valores peculiar ao paganismo. Até onde chegou a oposição entre ambos? Em que medida aceitou o cristianismo certas concepções radicadas em determinados sectores da cultura pagã? Que autores e obras contribuíram para a formação cultural dos escritores cristãos? Que volume tomou a influência dos clássicos latinos sobre a própria língua (vocabulário, expressões e construção da frase) dos Padres da Igreja ocidental?

Estes problemas são tratados por H. Hagendahl em *Latin Fathers and the Classics*, quanto a Arnóbio, Lactâncio, Minúcio Felix, S. Cipriano, S. Jerónimo

(além de outros autores com menos demora estudados, como S. Ambrósio e S. Agostinho), e quanto aos escritores pagãos latinos.

A obra está dividida em três partes de dimensão desigual.

A primeira intitula-se «Os apologistas e Lucrécio». Analisa mais desenvolvidamente Arnóbio e Lactâncio, dedicando um capítulo de cerca de 30 páginas a cada um. No último capítulo, estuda «os outros apologistas» como Minúcio Felix, S. Cipriano, Tertuliano, e traça a conclusão desta primeira parte.

«A curva que denota a influência de Lucrécio através da literatura culmina, ao princípio do séc. IV, em dois apologistas cristãos» [Arnóbio e Lactâncio] (p. 87).

Em seguida, vem, como segunda parte, o estudo sobre «Jerónimo e a literatura latina». É a mais extensa. Abrange 237 páginas.

Após um primeiro capítulo de observações preliminares, examina, por ordem cronológica, os escritos de S. Jerónimo desde 374 a 419, o que faz ao longo de 4 capítulos.

O primeiro trata das produções literárias de 374 a 385: cartas, *Vita Pauli*, *Dialogus contra Luciferanos*, *De perpetua virginitate beatæ Mariæ*. Seguidamente considera as obras redigidas durante a permanência de S. Jerónimo em Belém (386-393), as quais H. Hagendahl estuda por esta ordem: tradução de *De Spiritu Sancto* de Didymus de Alexandria e das homilias de Orígenes sobre S. Lucas, *Vita Malchi*, comentários *In Philemonem*, *In Galatas*, *In Ephesios*, *In Titum*, *In Ecclesiasten*, traduções de obras de Eusébio, *Quæstiones hebraicæ in Genesim*, comentários *In Sophoniam*, *In Aggaeum*, *In Nahum*, *In Habacuc*, *In Michæam*, e *De viris illustribus*.

Vêm depois os escritos polémicos e as cartas e comentários saídos à luz entre 393 e 402. Esta época da vida de S. Jerónimo foi preenchida por duas grandes controvérsias: com Joviniano, o *Epicurus Christianus*, e com os origenistas. H. Hagendahl estuda desta forma *Adversus Jovinianum* juntamente com duas cartas, uma a Pammachius e outra a Domnion, e, relacionados com a questão origenista, *De optimo genere interpretandi*, *Contra Johannem Hierosolymitanum*, cartas a Pammachius e Oceanus e *Apologia adversus Rufinum*. Da mesma época são analisados as cartas e os escritos exegéticos *In Jonam*, *In Abdiam* e *In Matthaëum*.

Finalmente, do último período da vida de S. Jerónimo (402-419) o autor prescreta a série de comentários escriturísticos (*In Zachariam*, *In Malachiam*, *In Oseam*, *In Joel*, *In Amos*, *In Danielelem*, *In Isaëam*, *In Ezechielem*, *In Jeremiam*), 35 cartas e os escritos polémicos *Contra Vigilantium* e contra o pelagianismo (carta a Ctesiphon e *Adversus Pelagianos*).

Ao longo dos 4 capítulos consagrados à análise pormenorizada de cada um dos escritos jeronimitanos, H. Hagendahl vasculhou as influências dos clássicos latinos quanto às citações explícitas e quanto às citações implícitas, isto é, reminis-

cências no uso de vocábulos, expressões e frases, como na primeira parte já fizera relativamente a Lucrécio e aos apologistas. Partindo da análise filológica, o autor determina a extensão e profundidade do conhecimento que S. Jerónimo possuía dos escritores latinos. Entre os poetas, avultam Terêncio, sobretudo Virgílio e em seguida Horácio; dos prosadores, sobressaem Cícero, Salústio e Quintiliano.

H. Hagendahl chama a atenção para um aspecto que até agora tem sido pouco considerado: a técnica e a intenção das citações na obra de S. Jerónimo (pp. 298-309). Este escritor usa tanto a citação literal como a paráfrase, mas não indistintamente. Raras vezes cita literalmente os prosadores, ao passo que as citações literais dos poetas são às centenas. Se exceptuarmos Cícero (pelo que respeita às obras filosóficas), Lactâncio e Santo Agostinho, nenhum outro escritor pagão ou cristão se lhe avanta quanto à frequência de versos citados. H. Hagendahl estuda ainda o uso estilístico das citações, a relação entre citações da literatura cristã e de autores pagãos, e o aparecimento de Virgílio nos escritos jeronimitanos, o qual se verifica apenas depois de S. Jerónimo se estabelecer em Belém, no ano de 386.

Por fim o autor investiga a atitude de S. Jerónimo perante o legado cultural dos antigos. H. Hagendahl começa por afirmar que não é possível estabelecer «uma fórmula clara e inequívoca» (p. 309). E termina, resumindo assim as suas conclusões: «A inconsistência [de atitudes] reflecte o conflito íntimo da sua alma. Era um cristão asceta e sentia fortemente a incompatibilidade deste ideal com o humanismo da antiguidade pagã. Mas ele era também um *rhetor* educado na atmosfera do legado cultural antigo. Sentia-se atraído e repellido simultaneamente. Durante algum tempo, um sentimento prevaleceu sobre o outro, mas nunca alcançou equilíbrio estável. Como cristão, sentia-se obrigado a repelir a literatura pagã, mas não cessou de a admirar e de a ler, com a curta interrupção provocada pelo sonho (vid. p. 319) [em que ouviu as palavras de censura: *Ciceronianus es, non Christianus*]. A esta leitura deve ele mais do que o seu incomparável estilo. Se algum Padre latino pode ser chamado um humanista, é certamente S. Jerónimo» (p. 328).

Na 3.^a parte da sua obra, H. Hagendahl inclui três excursos correspondentes a três capítulos. No primeiro, começando por citar *Ad Algiam liber quaestionum undecim* de S. Jerónimo, estuda a posição dos Padres da Igreja ocidental em face dos escritores latinos pagãos, quanto às paixões da alma, «*illas notissimas quattuor animi perturbationes, cupiditatem timorem, laetitiam tristitiam*», de que fala S. Agostinho no cap. 3.^o do livro XIV da *Cidade de Deus*. O segundo capítulo versa sobre «a transmissão, aos Padres, da ideia» [das quatro virtudes cardeais] (p. 347). Nele, ressalta a importância de Cícero como intermediário entre a filosofia grega e os Padres latinos» (*ibid.*). O último capítulo tem por assunto a relação da mitologia e poesia pagãs com factos, personagens e crenças do cristianismo. São analisados em especial o mito da idade do ferro, e a concepção do *Purgatorium*.

Resultado de sólida investigação, *Latin Fathers and the Classics* é livro indispensável ao estudo do encontro do cristianismo com a cultura romana pagã.

Além da tábua das matérias que vem no princípio, valorizam a obra dois índices: o de passos de autores e escritores citados e o remissivo de nomes próprios e de assuntos.

CUSTÓDIO LOPES DOS SANTOS

ALBERT BLAISE, **Manuel du latin chrétien**. Strasbourg (Le Latin Chrétien), 1955, 221 pp.

Sobretudo a partir dos fins do séc. XIX, vem-se considerando, nos meios filológicos, a existência, dentro do latim, de uma língua peculiar aos cristãos. A sua denominação, contudo, tem estado sujeita a hesitações. Goelzer falava de «langue latine chrétienne», Mons. J. Schrijnen usou a terminologia «Kirchlatein» e «Christ-latein». Outras variantes são «latim eclesiástico» e «latim dos cristãos».

O autor do trabalho transcrito em epígrafe toma posição ao afirmar: «seria mais exacto e mais preciso chamar «latim eclesiástico» aos termos especiais da teologia, do direito canónico, da história da liturgia, ao passo que a expressão «latim cristão» designaria de maneira mais geral o latim dos autores cristãos, enquanto renovado, transformado pela mentalidade cristã» (p. 11).

Quanto a saber se este latim deve ou não considerar-se *lingua especial*, é problema controverso. Em 1884, em «Archiv für lateinische Lexicographie», Karl Sittl decidia a questão pela negativa formal: «ein eigentliches Kirchenlatein gibt es überhaupt nicht». A questão foi intensamente debatida mais tarde, entre 1932 e 1944, em publicações e revistas como «Revue des Etudes Latines» e «Les Etudes Classiques». No número dos que hoje defendem a originalidade do latim dos cristãos como *lingua especial*, ocupa lugar de preeminência Ch. Mohrmann, discípulo de Mons. J. Schrijnen.

O certo, porém, é que se trata de «realidade assaz complexa» (p. 12); mas também se não pode negar que, «ao deixar-se um autor profano para tomar a leitura de um autor cristão, nos sentimos mergulhados incontestavelmente num mundo novo. Um mundo novo de ideias e sentimentos, sem dúvida; mas temos além disso a impressão de que a própria língua está renovada, se não é nova» (p. 13). Esta inovação na língua resultou precisamente da originalidade que o cristianismo representava no quadro da vida do império romano. Os cristãos não modificaram profundamente o vocabulário nem as formas ou a sintaxe. As transformações que nestes domí-